

AS DIFICULDADES DE ENSINAR GEOGRAFIA¹

Adão Cícero Ferreira Nunes²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender o ensino de Geografia como instrumento para a formação crítica do educando. Para tanto buscou-se analisar as dificuldades de se trabalhar os conteúdos de Geografia com alunos de 5ª séries do Ensino Fundamental, em um estudo de caso comparativo entre as cidades de Florínea e Pedrinhas Paulista, ambas no Estado de São Paulo. Trata-se de uma tentativa de oferecer subsídios aos profissionais que procuram novas formas de atuar na disciplina de Geografia, contribuindo para a formação crítica do educando, dando-lhes condições para resgatar as experiências do cotidiano, analisando-as e estabelecendo relações entre elas, numa dimensão espaço-temporal.

Palavras-chave: Ensino, Geografia, Escola, Aluno e Professor.

THE DIFFICULTIES OF TEACHING GEOGRAPHY

ABSTRACT: This project is about an outline of public elementary school analysing difficulties of teaching Geography to the 5th grade students. All the work done and the things attained are related to different ways of teaching Geography, making comparison throughly some aspects between Florínea city and Pedrinhas Paulista city, both of them are in the state of São Paulo. This project is just an attempting to offer some aids for the teachers who are looking for a better way of teaching Geography which involves many other areas. And also, offering teachers different opportunities to rescue some daily experiences, innovating, participating and stimulating teachers and pupils discussions stablishing a relation to space and time.

Key-words: teaching, Geography, school, pupil and teacher.

INTRODUÇÃO

Este estudo originou de uma experiência realizada em 1997, procurando compreender a realidade de ensino da Geografia, por meio da análise de práticas vivenciadas por um grupo de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental em duas escolas de municípios diferentes: em Florínea/SP na E.E.P.S.G. Prof. Teófilo Elias e em Pedrinhas Paulista/SP na E.E.P.S.G. Prof. Dr. Antônio de Benedictis, bem como, desvendar as dificuldades que esses alunos encontram em apreender os conteúdos propostos pela Geografia, percebendo que o comportamento deles diante da disciplina se dá de modo diferenciado. Nesse sentido, teve-se como objetivo refletir sobre as dificuldades de ensinar Geografia, com o propósito de reunir elementos capazes de ressignificar o trabalho dessa disciplina em sala de aula.

¹ Adaptado da Monografia "A Arte de Ensinar Geografia" do Curso de Especialização no Ensino de Geografia. UEL/1997, sob a orientação da Profa Dra. Alice Yatiyo Asari.

² Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Diretor do Colégio Estadual Profa. Ubedulha Correia Oliveira, Londrina-PR. e-mail: professornunes@bol.com.br

Para a realização da pesquisa, buscou-se fundamentação teórica em estudiosos que se debruçaram em temáticas relacionadas ao ensino, a qual foi fundamental para se efetivar a análise dos dados obtidos no campo. No que se refere ao trabalho empírico, realizou-se levantamentos sobre as condições materiais e humanas das escolas, observação de aulas, bem como aplicação de questionários e entrevistas nos alunos e professores.

Com base nos dados da pesquisa, procurou-se reafirmar a importância de se trabalhar ancorado na realidade concreta em que estão inseridos os alunos da rede pública de ensino, e implementar na escola um trabalho voltado para a formação integral desse sujeito social.

Nesse sentido, entende-se que, o papel do professor seja o de orientar o aluno na percepção da realidade e da natureza das relações entre os diversos elementos que compõem uma determinada sociedade, pois será através das questões levantadas em sala de aula, que eles terão condições de observar, discutir e analisar fatos, buscando soluções para determinados problemas, atuando ativamente no meio em que vivem.

A TAREFA DE EDUCAR

A tarefa de educar é uma das mais antigas do mundo, mantendo-se de forma tradicional até os dias de hoje, pois as discussões teóricas sobre questões pedagógicas têm demorado para chegar nas escolas, embora já seja possível observar mudanças no processo de ensino-aprendizagem, que representam um certo esforço dos professores em superar a crise instalada no interior destas, reflexo das mudanças que tem passado a sociedade atual.

Mas, infelizmente, devido as dificuldades no ato de educar, a maioria dos professores encontra-se desmotivado e apresenta baixo rendimento; assim, continua reproduzindo fórmulas antigas como receituários, ficando então, entre seguir o livro didático (com cadernos de atividades, plano de curso e avaliações) ou seguir programas oficiais que listam conteúdos para todo o território nacional, desprezando as realidades regionalizadas, nas quais os alunos estão inseridos, como, por exemplo, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, como uma das incumbências do Ministério da Educação (MEC) de promover a “modernização” das escolas brasileiras. Concomitantemente a essa problemática, poucos professores continuam se atualizando, contribuindo para o rebaixamento na qualidade do ensino e a alienação do professorado, o qual sabemos, é histórico, pois o seu trabalho sofre também pressão de interesses das classes dominantes, como afirma Santos (1979, p. 99):

[...] A exportação de uma forma de elaboração do conhecimento, que representa os interesses internos e externos do país exportador, termina por repercutir dentro dele através do condicionamento da pesquisa e do ensino, forma uma unidade junto com os interesses político-econômicos em cada país.

Vê-se que os problemas são muitos e não são únicos da Geografia, pois todas as disciplinas têm (re)pensado seu papel diante desta sociedade, que passa a exigir da escola uma educação voltada para a formação da cidadania, ou ainda, que instrumentalize o aluno para que esse tenha condições de usar coerentemente o aprendido, processar as informações transformando-as em conhecimento.

Nesse sentido, acredita-se que seja necessário haver propostas alternativas que estejam comprometidas com um trabalho interdisciplinar, como coloca Andrade (1987, p.17):

[...] Como a Geografia é uma ciência que tem relacionamento com uma série de ciências afins, é natural que entre ela e as outras ciências se desenvolvam áreas de conhecimento intermediário, ora como ramos do conhecimento geográfico, ora como ramos do conhecimento de outras ciências que se tornaram ou tendem a tornar-se novas ciências a serem pragmaticamente catalogadas.

No que se refere à questão interdisciplinar, é válido destacar as formulações de Macedo (1999) que aponta falhas nos PCNs no que concerne ao esclarecimento sobre a diferença entre interdisciplinaridade, transversalidade e aplicação de projetos em sala de aula. Segundo essa autora, não fica claro nos documentos como integrar os conteúdos trabalhados nas diversas disciplinas.

Nesse caso, deve haver um esforço entre os professores, para conseguirem a aplicação de trabalhos integrados que possam motivar os alunos e incentivá-los a aprenderem. No caso específico da Geografia, que está ligada às Ciências Sociais e Naturais, talvez fique mais fácil para o professor relacionar o conhecimento ao interesse do aluno, entendendo quando ele pode e deve ministrar conteúdos que venham ao encontro do interesse deles, pois não há aprendizagem significativa em um ambiente onde os objetivos do professor não coincidem com os de seus alunos. Tem-se como exemplo os programas de Geografia exigidos para as 5ª séries, em que muitos conteúdos são abstratos se comparados ao desenvolvimento cognitivo dos alunos e, por isso, não atingem os objetivos almejados para essa faixa etária.

Trabalhar com conceitos-chave tem sido uma alternativa para o ensino de Geografia, pois geralmente os alunos, nos diferentes níveis de ensino, não conseguem entender conceitos fundamentais e básicos para se processar as informações e produzir

conhecimentos; somados a essa problemática, o tempo de aula é curto e a classe é numerosa para o aprofundamento de determinados conteúdos. Assim, o aluno termina o curso com pouco embasamento e dificuldades para apreender os conteúdos subseqüentes, prejudicando o seu entendimento acerca da realidade construída cotidianamente.

É importante lembrar ainda que a Geografia Tradicional, muito presente nas escolas atuais, introduz um método de pensar a realidade, ocultando o papel central do trabalho social na construção do espaço, pois segundo RESENDE, (1986, pp 26-32):

[...] A lógica da produção do espaço é o interesse objetivo das classes dominantes. Obrigaria a se conhecer, enfim a dimensão política irrecusável do espaço geográfico e, em conseqüência, da ciência que o investiga [...] Trata-se, antes de mais nada, de assegurar à Geografia a sua condição de ciência, a sua capacidade de analisar o real sem desagregá-lo e por um caminho que conduza ao seu sentido.

Através da pesquisa, foi possível observar que, principalmente os professores recém- formados, têm tentado fugir do tradicionalismo e aplicar uma Geografia mais voltada ao desenvolvimento do raciocínio do aluno.

Ao se comparar o ensino de 5ª série nas escolas de Florínea e Pedrinhas Paulista/SP, percebeu-se algumas diferenças, principalmente na realização das aulas práticas.

Segundo relatos dos professores, sempre que possível, foram ministradas aulas de Geografia “diferentes”, que pudessem satisfazer os alunos os quais referiam-se, constantemente, à disciplina como muito teórica e cansativa. Além disso, deve-se levar em conta que, diversificar as aulas com trabalhos práticos e utilização de jornais, livros e revistas facilita o aprendizado porque o aluno se envolve diretamente com o assunto tratado. Acrescenta-se ainda, a importância dos trabalhos de campo, momento em que as dificuldades na compreensão da teoria podem ser sanadas através da investigação dos problemas levantados “in loco”.

Essas considerações confirmam a necessidade de se definir caminhos/propostas para as disciplinas escolares, que devem ser consideradas no âmbito da sociedade da qual fazem parte.

O professor, conhecedor da ciência que ministra, deverá conquistar sua autonomia intelectual para conduzir um ensino que seja conseqüente para o aluno, sujeito social, que deve enxergar-se como ser histórico e capaz de intervir nos rumos do lugar em que vive, pois segundo Masseto (1994, p. 22).

[...] aprender, conforme sua idade, a se localizar no espaço e no tempo, na sociedade onde vive, captando os fatos e acontecimentos que agitam seu mundo interno e o mundo a sua volta. Neste sentido, aprender a se relacionar e a participar das descobertas das ciências e do momento histórico em que vive.

Não se trata de ajustar o aluno ao meio, e sim produzir conhecimento sobre o meio para realizar críticas com vistas a contribuir com propostas melhorativas para o lugar em que se vive. Num primeiro momento, acredita-se que, o diálogo em sala de aula possibilite uma maior aproximação de alunos e professores, e cria-se um ambiente em que o aluno terá maiores condições de aprender e perceber melhor a sua realidade.

É muito importante que o professor tenha condições de inovar, criar e propor alternativas de ensino para tentar reverter o quadro de desinteresse dos alunos, uma vez que a escola hoje enfrenta a concorrência direta de outros "meios" (televisão, computadores, vídeo game, Internet, etc.) que atraem muito mais o aluno do que o cotidiano da sala de aula.

Na sociedade da informação, o mais importante para a escola é saber o que fazer com o acúmulo de informações disponíveis cotidianamente, pois segundo ENRICONE, et alii, (1988, p. 59).

[...] este é, porém, um tempo de saber: livros, viagens, TV... mudou a forma de vida sobre a Terra e todos os dias há algo novo. Mais do que nunca é necessário saber o porquê e o como. Não se trata de acumular dados, mas de averiguar para conhecer, para explicar, para participar.

O professor deve ser ágil e flexível, sabendo quando e como realizar mudanças que o momento exige, não só para "mostrar trabalho" mas também para acompanhar as constantes mudanças que ocorrem no espaço globalizado. Somente através da aproximação com as demais áreas do conhecimento aliada à discussão do planejamento, podem se dar novos contornos e encaminhamentos capazes de atender as exigências da tríade "alunos/escola/sociedade."

Essa integração é muito importante inclusive para o desenvolvimento de projetos em que professores e alunos trabalham conjuntamente. Entende-se assim que o planejamento e a organização dos procedimentos de ensino poderão contribuir para a realização de práticas de ensino, significativas para o processo de ensino-aprendizagem.

Diante das considerações realizadas, pressupõe-se que o ensino e a aprendizagem devam ser preocupações maiores de toda a equipe escolar, já que o sistema não consegue resolver as desigualdades entre as classes sociais. Assim, o esforço da

massa popular, (a maioria) poderá mudar os rumos da educação do país, pois é preciso superar as dificuldades e se tornar independentes do domínio da minoria que subordina e escraviza a maioria, que só prosperará educando-se. A escola deve abrir caminhos para os educandos perceberem que podem ser diferentes, e construir também o mundo através da realidade em que estão inseridos. Dessa forma, as experiências concretas vivenciadas cotidianamente pelos alunos devem ser aproveitadas/ligadas ao saber mais elaborado do professor, para que a aprendizagem se torne significativa, [...] se o espaço não é encarado como algo em que o homem está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele. Resende, (1986, p, 20).

A escola não pode desconhecer as condições concretas de vida de seus alunos, pois essas são o “pano de fundo” dos diversos projetos de vida, os quais devem ser considerados no espaço escolar. O ponto básico das disciplinas em geral e da Geografia em particular, é levar o aluno à compreensão do seu espaço vivido e da sociedade que o constrói. Considera-se como primeiro passo para o desenvolvimento desse trabalho, o conhecimento, pelo professor, da realidade em que pretende atuar, por isso apresenta-se a seguir as especificidades das turmas selecionadas para este estudo de caso.

O PERFIL DOS ALUNOS

Para melhor compreender a realidade em estudo traçou-se o perfil dos alunos, buscando compreender e contextualizar as dificuldades encontradas por eles e pelos professores ao aprender/ensinar a Geografia na 5ª série do Ensino Fundamental.

A primeira condição para compreender o ensino é a de conhecer os objetivos da tarefa que vai se realizar, e a clientela com a qual a escola vai trabalhar.

Em um dos trabalhos realizados nas escolas, foram entrevistados 50 alunos de 5ª séries, sendo 30 da E.E.P.S.G. "Prof. Teófilo Elias" de Florínea (SP) e 20 da E.E.P.S.G. "Prof. Dr. Antônio de Benedictis" de Pedrinhas Paulista (SP).

Na Tabela 1 pode-se verificar que em Florínea os cursos de 5ª a 8ª séries e 1ª série do Ensino Médio funcionam nos períodos vespertino e noturno. No período vespertino, encontra-se alunos na faixa dos 11 aos 13 anos e no noturno, alunos entre 14 e 42 anos.

Através dos dados levantados na pesquisa, foi possível verificar que os alunos que estudam durante o dia demonstraram maior interesse em realizar os trabalhos propostos na disciplina se comparados aos estudantes que freqüentam o noturno. Esse fato pode ser justificado pela presença de alunos trabalhadores, que chegam cansados na

escola com pouca disposição para aprender. Apesar dessa problemática, considera-se válida a existência de cursos noturnos por entender que o ensino deve ser democratizado.

Quanto à organização geral das escolas pesquisadas, observa-se que as constantes medidas do governo para contenção de gastos, refletiram-se diretamente na qualidade de ensino, pois através de conversas informais com diversos profissionais envolvidos na escola, pode-se concluir que as medidas levaram a demissões de professores, redução do número de funcionários à disposição na escola, e um visível aumento de alunos por turma (com uma média de 40 alunos por sala) dividindo espaços físicos reduzidos (de 48 m² e outras com 64 m²).

Tabela 1 – Municípios de Florínea e Pedrinhas Paulista (distribuição dos alunos por idade).

Idade	Florínea		Pedrinhas Paulista		Total	%
	N.º	%	N.º	%		
11	12	40,00	10	50,00	22	44,00
10	04	13,34	05	25,00	09	18,00
15	05	16,67	-	-	05	10,00
12	02	6,67	03	15,00	05	10,00
13	02	6,67	01	5,00	03	6,00
14	01	3,33	01	5,00	02	4,00
19	01	3,33	-	-	01	2,00
20	01	3,33	-	-	01	2,00
25	01	3,33	-	-	01	2,00
42	01	3,33	-	-	01	2,00
Total	30	100,00	20	100,00	50	100,00

Fonte: Pesquisa "in loco" - 1997.

Ainda em relação aos dados da Tabela 1, percebe-se que em Pedrinhas Paulista o curso funciona apenas no período vespertino, com crianças na faixa dos 11 aos 13 anos. Quanto a divisão por sexo, 43,33% são do sexo masculino e 56,67% do sexo feminino, em Florínea, e 45% do sexo masculino e 55% do sexo feminino em Pedrinhas Paulista. Como pode ser verificado, a maioria dos alunos é do sexo feminino e esses dados são praticamente iguais nos dois municípios. (Tabela 2)

Quanto à carga horária referente às aulas das escolas, foi levantado em pesquisa "in loco" que nos dois municípios no período vespertino, eram seis aulas de 50

minutos, totalizando 300 minutos ou 5 horas por dia, o que equivale a 25 horas semanais. Na escola de Florínea, as aulas iniciam-se às 12:00 horas e terminam às 17:20 horas, com 20 minutos de intervalo. Ainda em Florínea, no período noturno, há 5 aulas de 40 minutos, o que corresponde a 200 minutos ou 3 horas e 20 minutos por dia, num total de 16 horas semanais, funcionando no período das 19:00 às 22:30 horas. Com essa diferença de 1 hora e 20 minutos semanais do período vespertino para o período noturno, conclui-se que há um prejuízo para os alunos do curso noturno que já são prejudicados pelo fato de chegarem desestimulados à escola, apresentando baixo rendimento, concluindo a série com menos conteúdos, transmitidos de forma resumida para se cumprir o programa, que normalmente é o mesmo para todas as turmas da mesma série, independente do período que estudam.

Tabela 2 – Município de Florínea e Pedrinhas Paulista (distribuição dos alunos por sexo).

	Florínea		Pedrinhas Paulista		Total	%
	Nº	%	Nº	%		
Masculino	13	43,33	09	45,00	22	44,00
Feminino	17	56,67	11	55,00	28	56,00
Total	30	100,00	20	100,00	50	100,00

Fonte: Pesquisa *in loco* em 1997.

Referindo-se aos recursos audiovisuais, utilizados nas escolas pesquisadas, verificou-se que até os mais simples como o quadro de giz, causa irritação no aluno que não gosta de copiar. Constatou-se também que o professor se utiliza de várias aulas para escrever textos no quadro de giz por falta de material ou cópias para todos os alunos. Para conseguir superar o clima de impaciência na sala, o professor recorre a métodos nada aconselháveis, como agressões verbais, castigos, provas-surpresas e outras maneiras de punições.

Uma das deficiências das escolas de Florínea e Pedrinhas Paulista é caracterizada pelo uso constante do quadro de giz. Na primeira escola, não se conta com copiadora, que poderia contribuir para o menor uso do quadro de giz, e para o trabalho do professor que poderia elaborar textos complementares necessários para os assuntos abordados. Em Pedrinhas Paulista, há uma copiadora, com pequena capacidade de reprodução e cota de cópias insuficientes, não satisfazendo as necessidades do professor.

Vê-se que a utilização de recursos didáticos poderia contribuir para o melhor aproveitamento das aulas já que o aluno aprende mais quando é estimulado a pensar, tornando-se mais ativo. Nesse sentido, a utilização de instrumentos de ensino (mapas,

bússolas, maquetes, fotos, entre outros) em aulas práticas, é fundamental, embora a maioria dos alunos não participem das aulas, mesmo com a utilização desses recursos, mesmo com a utilização desses recursos.

Para garantir a participação ativa do aluno e alcançar uma aprendizagem significativa, o professor deverá criar um ambiente de diálogo em sala de aula, em que ele tenha a oportunidade de manifestar-se e dialogar com o grupo, criando um modo de pensar particular. Mas o mais importante é produzir o que lhe interessa e geralmente os trabalhos práticos atingem suas expectativas por serem dinâmicos; é o que se constatou em observações de campo, pois quando da utilização de instrumentos de ensino manipuláveis, o resultado quase sempre era surpreendente, já que os alunos mantinham-se atentos e participativos, comprovando assim que o desinteresse por parte desses, pode ser explicado, também, pela metodologia ultrapassada utilizada pelo professor.

Apesar da precariedade de recursos didáticos disponíveis na escola, alguns diretores conseguem mobilizar recursos para manter a escola agradável e melhor equipada para despertar no aluno o desejo pelo estudo. Constatou-se também nesta pesquisa que a manutenção de recursos materiais para o trabalho em sala de aula depende, em parte, dos professores que usam a criatividade para ministrarem aulas diferentes.

Pode-se afirmar que foram feitos esforços para melhorar a estrutura das escolas pesquisadas, mas os recursos são poucos e não resolvem totalmente. Se eles fossem canalizados de forma correta poderiam resolver pelo menos os problemas estruturais da escola, pois acredita-se que são gerenciados de forma incorreta.

Nas duas escolas, faltam recursos, como materiais para confecção de maquetes, mapas, bússola, condições e veículos para trabalho de campo, entre outros. Sabe-se que as duas escolas reivindicam melhores condições para seu funcionamento.

Na verdade, a educação deveria ser atendida com maior interesse, recebendo mais recursos para melhorar a qualidade de ensino, pois, uma escola mais completa seria um incentivo para o aluno freqüentá-la diminuindo a evasão e melhorando o processo de ensino-aprendizagem, sendo que o desinteresse dos alunos é a maior causa do fracasso escolar.

Como em outras localidades, os alunos de Florínea e Pedrinhas Paulista não demonstram interesse pelo aprendizado, embora sejam conscientizados diariamente sobre a importância do ensino. Durante as aulas, dispersam-se facilmente, tirando a atenção do restante da turma.

Qualquer evento, como baile, rodeio e feiras, já é motivo para se ausentarem da sala-de-aula. Mas quando assistem às aulas e não entendem, a maioria dos entrevistados

afirmou que costuma pedir explicação para o professor. Porém, os próprios alunos concluem que há uma indisciplina muito grande que tem acarretado danos no aprendizado levando alguns deles a reprovar.

Os percentuais de repetência em Florínea são mais de três vezes superiores aos de Pedrinhas Paulista. É difícil fazer uma análise definitiva sobre as causas; somente um trabalho específico de investigação poderia trazer respostas plausíveis. Há evidências de que os alunos de Florínea têm problemas sociais maiores que os de Pedrinhas Paulista interferindo assim na sua formação intelectual. Outra hipótese é de que as reprovações no curso noturno são mais comuns, pois os alunos são obrigados a dar preferência para o trabalho ao invés de se dedicarem aos estudos, estando com frequência, indispostos para as aulas, sem citar as faltas constantes às aulas quase sempre vencidos pelo cansaço que os impedem de vir às aulas. Em Florínea, ao contrário de Pedrinhas Paulista, um terço dos alunos entrevistados está matriculado no período noturno.

Esse fato influi e é facilmente perceptível quando eles desenvolvem os conteúdos em avaliações ou quando são convocados para fazer trabalhos na sala ou fora dela. Os trabalhos ou avaliações de Geografia do curso noturno, comparados com o vespertino, são muito inferiores e muitos alunos não conseguem desenvolver o raciocínio, talvez pela fadiga ou pelos problemas que os aguardam no dia seguinte, em uma outra realidade que é explicada pela Geografia e vivida por eles na prática.

Através da pesquisa realizada verificou-se que o trabalho com a 5ª série é árduo, e o retorno é a longo prazo, e ao ingressarem no curso superior ou aprovados em concursos, entenderão o valor do esforço aplicado no passado. Essa satisfação dar-lhes á incentivo para continuar lutando por melhores condições de ensino e de vida.

CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, foi possível entender que a escola precisa de uma nova dinâmica objetivando impulsionar o ensino público no Brasil. É inadmissível que tamanho descaso prevaleça, havendo necessidade de transformações na estrutura da educação brasileira.

O nível da educação é uma parte de todo o processo que está emperrado pelo desinteresse da própria escola. A complexidade do sistema educacional faz acreditar que somente um diagnóstico específico, aprofundado, resultará em respostas convincentes. Essa pesquisa não teve a presunção de apresentar somente críticas e responsabilizar partes fragmentadas pelos descaminhos da Educação, mas suscitar idéias no sentido de envolver as partes na busca de soluções.

Constatou-se, ao finalizar a pesquisa, que o mercado consumidor infantil é muito amplo, uma vez que quase todas as emissoras de televisão exibem programação de interesse para todas as faixas de idade e os seus horários não levam em conta apenas a presença dos adultos para assistirem os seus programas, e sim reservam alguns programas para colocá-los no ar no momento em que as crianças estão em casa. No entanto, em outros horários as crianças também participam e sempre convencem os pais a optarem pela sua preferência na programação da televisão.

É importante reforçar que os horários de propagandas nos intervalos de programas infantis, estão relacionados ao consumo de produtos infantis, aumentando o faturamento das emissoras. Muitos permanecem na madrugada em frente à televisão ou ao computador, não se preocupando em selecionar bons programas para assistirem.

Ressalta-se ainda o comportamento dos filhos, que são alvos de críticas. É o que se constata ao ouvir depoimentos de pessoas idosas como avós, que referem-se aos netos como parte de uma geração revoltada, diferente dos filhos. Atualmente, percebe-se que os adolescentes querem ser independentes, não demonstram respeito para com os pais e não possuem limites, problemas que levam para o interior da escola. Considera-se que deve-se investir na avidez dos alunos, onde a escola passa a ser mais interessante, dividindo a rotina de aulas expositivas com trabalhos práticos que trariam bons resultados em nível de aproveitamento.

Por outro lado, o professor se depara com uma escola “atrasada” que, muitas vezes, não proporciona condições de trabalhos favoráveis, quando se sabe que o papel do professor é possibilitar um trabalho que enriqueça o conhecimento do aluno, com atividades de experimentação, pesquisa, conversas e vivências. Isso porque é a partir do real que o aluno formará seus conceitos.

Para a viabilização dos propósitos sugeridos nesta pesquisa, é fundamental que o professor esteja motivado para poder transmitir entusiasmo e interesse aos seus alunos. Constatou-se que isso nem sempre é possível. Por isso o professor não deve motivar seus alunos a realizar um trabalho que não os interesse, não devendo direcioná-los e sim orientá-los, buscando despertar no educando o empenho por novas descobertas, através da reflexão e fazendo suas próprias conclusões, respeitando uma determinada lógica.

Alguns professores dentro de suas responsabilidades, procuram melhorar suas práticas pedagógicas buscando a melhoria do ensino, mas, por outro lado, há um grande número de profissionais que não tem buscado especializar-se dentro de sua área de conhecimento, pois a maioria apenas concluiu o 3º grau, e suas fontes não ultrapassam as pesquisas junto aos livros didáticos.

Propõe-se que se desenvolva uma Geografia que faça parte do cotidiano, dando condições para o aluno integrar-se na sociedade. Dessa forma, é necessário que o aluno, desde cedo, aprenda a observar, concretizar a realidade, interpretar e analisar criticamente, alcançando assim os objetivos principais da Geografia, que devem estar pautados na vivência do aluno, que leva para a sala de aula experiências de vida adquiridas fora da escola, as quais, muitas vezes, são ignoradas no trabalho escolar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correa. *Geografia: ciência sociedade*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BOURDIEU, P., PASSERON, J.C. *A reprodução – elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- MACEDO, E.F.M. “Parâmetros curriculares nacionais: a falácia de seus temas transversais.” In: MOREIRA, A.F.B. (org.). *Currículo: políticas e práticas*. São Paulo: Papirus, 1999.
- ENRIGONE, Delcia et alii. *Ensino, revisão crítica*. ed. 2. Porto Alegre: Sagra, 1988.
- MASSETTO, Marcos. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1994.
- RESENDE, Márcia Spyer. *A Geografia do aluno trabalhador*. Caminhos para uma prática de Ensino. São Paulo: Loyola, 1986.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1979.